

Filho do povo e neto de Clément: Maurice Thorez (1900-1964)

Stéphane Sirot, *Maurice Thorez*, col. «Références/Facettes», Presses de Sciences Po, Paris, 2000.

Durante mais de trinta anos Maurice Thorez foi o chefe do Partido Comunista Francês e, nessa qualidade, o dirigente de um partido comunista da Europa ocidental que por mais tempo — à excepção de Álvaro Cunhal — desfrutou do reconhecimento de uma liderança carismática. Diversamente do último, exerceu essa liderança durante os decénios de maior projecção internacional (inclusive cultural) do comunismo e como dirigente de uma «grande potência» eleitoral de uma grande potência europeia.

É a esta figura esquecida que a recentemente inaugurada colecção «Références/Facettes» (na qual até agora saíram apenas um volume sobre Maurras, outro sobre Marc Bloch e um terceiro dedicado a Ho-Chi-Minh) consagra o estudo da autoria de Stéphane Sirot. Não se trata de uma biografia, no sentido do que esse género historiográfico normalmente envolve como construção literária. Antes, numa sintética trezentas páginas muito simetricamente organizadas (e conforme o esquema da colecção), procede-se, numa primeira parte, à análise do *corpus* das representações disponíveis sobre a personagem — *Thorez représenté* — para, na segunda — *Thorez représenté* —, se fazer o ponto dos conhecimentos.

Dentro de uma linha muito característica da historiografia francesa, a primeira parte da obra ocupa-se da desconstrução das imagens históricas prévias: primeiro, do «espelho» originário, fabricado em 1937 (em pleno apogeu, ou assim parecia, da Frente Popular), que foi o livro autobiográfico *Fils du peuple*. Depois, dos «reflexos» sucessivamente engendrados pelos fami-

* Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

liares próximos (nos escritos autobiográficos da mulher, Jeanette Vermeersch, e do filho Paul), pelos «ex» (quadros do PCF, como Ferrat, Vassart, Marty e Tillon, que o acompanharam de perto durante parte importante do percurso até entrarem em ruptura) e pelos politicamente «outros» — nomeadamente os socialistas, De Gaulle e a propaganda anticomunista. Os capítulos seguintes debruçam-se, primeiro, sobre as biografias anteriormente produzidas por historiadores, depois, sobre a evolução da memória do PCF acerca do seu dirigente histórico.

A segunda parte da obra — *Thorez représentatif* — é que constitui propriamente a síntese biográfica, mas, em vez de se desenvolver cronologicamente, analisa, sucessivamente, cinco facetas fundamentais do perfil do protagonista: o enraizamento no universo peculiar do movimento operário dos mineiros; a concepção política da greve; o deputado e ministro; *last (and least)*, o líder partidário.

ESPELHO E IMAGENS

O ponto de partida do livrinho de Stéphane Sirot é a ideia de que o conhecimento da figura do político Maurice Thorez tem sido afectado por um sobreinvestimento mítico, deliberadamente fabricado na sua origem, mas ao qual as sucessivas visões da personagem ficaram presas, quer no sentido de o confirmar e acrescentar, quer no sentido oposto de o negar, sem por isso deixarem de estar dele igualmente dependentes. O seu propósito é o de, joeirando criticamente essas sucessivas visões e integrando o que sobra, propor uma imagem (tanto quanto possível) finalmente desmitificada.

Na origem de tudo está a «fabricação do espelho», a autobiografia *Fils du peuple*. Sirot analisa com atenção as condições em que surge a decisão de publicar uma autobiografia do secretário-geral do PCF. A consagração da autoridade dos secretários-gerais dos partidos comunistas culminava por toda a parte os longos e muitas vezes conturbados processos de «bolchevização», isto é, de consolidação de um grupo dirigente e uniformização das regras de funcionamento, da ideologia e do «estilo de trabalho». Estava, por outro lado, em homologia com a consagração de Estaline, de cujo fulgor cada uma das figuras nacionais havia de ser, em parte, reflexo, em parte, reencarnação. A publicação de biografias dos secretários-gerais era funcional a este objectivo, quer se tratasse de autobiografias, como nos casos de Thorez e do inglês William Gallacher (*Revolt on the Clyde*), quer confiadas a um escritor profissional (como será, no Brasil, o *Cavaleiro da Esperança*, a biografia de Luís Carlos Prestes por Jorge Amado, de 1942). O engrandecimento da figura referencial do secretário-geral tinha um papel importante na moldagem dos quadros. Daqui derivam consequências tanto para o conteúdo da auto-

biografia como até para a respectiva estrutura de redacção. Sirot nota, a este propósito, que, se os dois primeiros capítulos de *Fils du peuple* (até 1934, ano da consolidação definitiva da posição de Thorez e da «grande viragem» na história do PCF) são genuína autobiografia — escrita na primeira pessoa do singular —, a partir daí domina absolutamente o «nós» comunista. Mas a função pedagógica, nomeadamente no aspecto da formação de quadros, tem também consequências na construção da personagem. Se, no caso do *Cavaleiro da Esperança*, se tratava, para Jorge Amado, de exaltar um *herói*, *Fils du peuple* visa antes o desenho de um *modelo*. Daqui a sucessão dos momentos de identificação entre o autor/modelo e o leitor, dada desde logo pelo título *Fils du peuple*. Como escreve Jacqueline Mer, «il ne figure l'identité du peuple que parce que le peuple est son identité»¹. Daí também um aspecto de simplicidade, ou até banalidade, não só das origens, como do comportamento de Thorez. Se o modelo implica sempre alguma forma de perfeição, neste caso trata-se de uma perfeição «que evita parecer inatingível»².

O autor passa de seguida à análise do olhar dos próximos de Thorez, num capítulo em que inclui os escritos autobiográficos da mulher, Jeanette Vermeersch, e do segundo filho de ambos, Paul Thorez, e também as referências dos militantes que com ele privaram, «ortodoxos» como dissidentes, procurando demonstrar que, de uma forma ou de outra, todos acabam por construir uma representação «que permanentemente se organiza em torno da lenda thoreziana»³. Se a demonstração é até certo ponto aceitável em relação às memórias de Jeanette Vermeersch — que não se dispôs a desenvolvimentos acerca das relações íntimas e tinha, por outro lado, um objectivo de defesa da memória do marido e da imagem própria —, já não parece tão convincente quanto às recordações do filho, que, a avaliar pelas citações feitas, transmitem de forma pessoal (na qual está presente a dimensão de «revolta do adolescente que duvida das opções de um pai amado [...] revolta que se poderia julgar antecipadora da da juventude francesa da Primavera de 1968»⁴, como o próprio Sirot escreve) a experiência de um convívio muito próximo.

O capítulo dedicado ao «olhar dos 'ex'», isto é, de figuras do círculo estreito dos dirigentes que num momento ou noutro entraram em ruptura, passa em revista os escritos de dissidentes de diferentes épocas. Para aqueles dos dissidentes que com ele privaram nos anos 30, como Jean Ferrat (representante do PCF no Comintern no princípio dos anos 30, expulso em 1936

¹ Jacqueline Mer, *Le parti de Maurice Thorez ou le bonheur communiste français*, Paris, Payot, 1977, cit. in Sirot, *Maurice Thorez*, p. 29.

² Sirot, *ibid.*, p. 244.

³ Id., *ibid.*, p. 42.

⁴ Id., *ibid.*, p. 49

e depois dirigente socialista), ou Albert Vassart, muito próximo de Thorez nos anos 30 e que a partir da guerra evoluiu para o anticomunismo militante, ou ainda André Marty e Charles Tillon, expulsos nos anos 50, o traço característico de Thorez era a conformidade à Internacional Comunista (a partir de 1931 traduzida sobretudo na dependência em relação ao delegado em França, Eugen Fried — para Ferrat o verdadeiro secretário-geral do PCF), o que se integraria num dispositivo mais genérico de «falta de coragem», ou mesmo «fraqueza» (que constitui o *leitmotiv* da biografia de Philippe Robrieux⁵). Se nos anos 30 a consequência principal destes traços era a dependência em relação à IC, nos anos 50 eles desdobravam-se numa atitude de «autocrata» (que, nomeadamente, tentou impedir o conhecimento do relatório de Kruchtchev e a desestalinização, por reear os seus efeitos sobre o aparelho partidário), mas continuavam a remeter para uma nova dependência, acentuada pela doença: a dependência da mulher (verdadeira *bête noire* de Robrieux), que, pelo temperamento mais determinado, se teria tornado então na prática a secretária-geral do PCF. Sirot sublinha, no entanto, que esta percepção do funcionamento do casal «é matéria de desacordo entre os ‘ex’» e cita figuras como Auguste Lecoœur, afastado em 1954, ou Roger Pannequin, expulso nos anos 60, que expressamente recusam tal descrição.

Os testemunhos dos dissidentes acerca do Thorez privado são unânimes em reconhecer as qualidades de simplicidade e convivialidade, mesmo que alguns se espantem com as condições de vida luxuosas de que dispôs desde o regresso da URSS em 1953. E mesmo no aspecto político e cultural alguns acabam por lhe reconhecer qualidades. Há quem sublinhe que, no governo, com de Gaulle, «tem uma atitude menos submissa do que outros e o general não é insensível a isso»⁶. Praticamente todos lhe reconhecem uma formação cultural invulgar e há quem destaque a sua «indiscutível faculdade de síntese»⁷.

No capítulo sobre o «olhar dos outros» passa-se, sucessivamente, em revista a observação dos socialistas, de de Gaulle e dos gaullistas e da propaganda anticomunista. Deixando de lado esta última, onde praticamente tudo se resume aos «três castelos, cinco automóveis e dez guarda-costas», as outras contêm anotações interessantes. Assim, apesar da hostilidade que em vários momentos marcou as relações entre comunistas e socialistas — e que esteve na origem de alguns dos ataques mais veementes a Thorez, com a denúncia do «falso mineiro», do «desertor» e do «vizinho de Aga Khan» —, os socialistas que com ele contactaram nas funções governamentais, incluindo

⁵ Philippe Robrieux, *Maurice Thorez. Vie secrète et vie publique*, Paris, Fayard, 1975.

⁶ Maurice Kriegel-Valrimont, *Mémoires rebelles*, Paris, Odile Jacob, 1999, p. 101, cit. in Sirot, *Maurice Thorez*, p. 81.

⁷ Id., *ibid.*

o presidente da República, Vincent Auriol, ou um Jules Moch (autor ainda em 1978, no ocaso da existência, de *Le communisme, jamais!*), são unânimes em reconhecer, como escreve Sirot, «a competência nas suas funções, o seu sentido de Estado, a sua lealdade nas relações com os outros membros da coligação governamental»⁸. Quanto a de Gaulle, que repetidamente obstaculizou o regresso de Thorez a França durante a segunda guerra mundial, acabaria, por ocasião da morte de Thorez, em 1964, e no seu estilo muito próprio, por escrever na mensagem de condolências à família: «Le président Maurice Thorez a, à mon appel et comme membre de mon gouvernement, contribué à maintenir l'unité nationale»⁹.»

No capítulo seguinte analisa-se a imagem de Thorez nos textos biográficos de ambição científica: os da autoria de historiadores comunistas, o volume de Robrieux e a notícia biográfica de Stéphane Courtois¹⁰ e, finalmente, o longo artigo da autoria de Claude Pennetier no «Maitron»¹¹ (o mais longo deste dicionário biográfico do movimento operário francês, sobre aquele que é aí considerado «o mais importante dirigente do movimento operário francês do século XX»). Embora reconhecendo o progresso científico representado pelo último, Sirot marca as suas distâncias em relação ao repertório de virtudes incluído na conclusão de Pennetier e enuncia o seu próprio desiderato: para ele, compreender o sucesso do PCF e seus dirigentes implica essencialmente «apreender a maneira como se constroem para encarnar um sistema de valores»¹².

O último e interessante capítulo desta primeira parte dedicada às representações de Thorez debruça-se sobre a «memória de Thorez» no PCF. Regista-se o largo espaço ocupado pela celebração do legado de Thorez durante o primeiro decénio posterior à sua morte. Tal celebração tem concretizações simbólicas — por exemplo, os nomes de ruas em localidades do Pas-de-Calais ou da cintura industrial de Paris, ou ainda em cidades alemãs (ex-RDA) e russas, bem como nomes de células do PCF —, sobre que são fornecidas precisas informações quantitativas. Mas tem igualmente outras concretizações com uma função política definida: por exemplo, o patrocínio de iniciativas de actualização teórica, como a criação do Institut Maurice Thorez e a publicação dos respectivos *Cahiers*, ou a invocação da tradição thoreziana, em especial da Frente Popular, para fundamentar iniciati-

⁸ Sirot, *Maurice Thorez*, p. 95.

⁹ Id., *ibid.*, p. 99.

¹⁰ «Thorez Maurice», in Jean-François Sirinelli (dir.), *Dictionnaire historique de la vie politique française au XX^e siècle*, Paris, PUF, 1995.

¹¹ «Thorez Maurice», in *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, t. 42, Paris, Éditions de l'Atelier, 1992, pp. 189-206.

¹² Sirot, *Maurice Thorez*, p. 137.

vas políticas, como a candidatura única da esquerda em torno de François Mitterrand em 1965 ou o *Programme commun* de 1972. Thorez é sempre o «homem da unidade» e também, em particular, o da «mão estendida» aos católicos, tema que ocupa largo espaço nas preocupações e iniciativas do PCF dos anos 60 e 70. É também o homem do patriotismo e da independência nacional, inclusive em relação à URSS: nesse sentido são recordadas as iniciativas de 1936 em relação ao Partido Radical, passando por cima das reservas do Comintern, ou a entrevista de 1946 ao *Times* (v. adiante).

O XXII Congresso do Partido Comunista Francês, em Fevereiro de 1976, que abandonou formalmente o princípio da ditadura do proletariado e adoptou o «eurocomunismo», marca o início de uma distanciação do PCF em relação à memória do secretário-geral histórico. O próprio Institut Maurice Thorez muda em 1979 de designação. Não só a direcção de Georges Marchais assume então a crítica aos atrasos na desestalinização, como os vários livros de memórias de militantes publicados nos anos 80 fazem, em geral, uma apreciação crítica da última década da actividade de Thorez, em especial das suas reticências perante a desestalinização. Nem por isso a lembrança desaparece completamente, mesmo em tempos recentes. Segundo o autor informa, na actual divisão de correntes que caracteriza o PCF, sendo certo que a herança de Thorez é explicitamente reivindicada pela tendência ortodoxa, o documento da direcção «renovadora» de Robert Hue para o XXX Congresso, em 2000, iniciava-se pela frase «Que les bouches s’ouvrent!», título de um célebre texto thoreziano de 1931.

CURRICULUM VITAE

Antes de passar à análise da segunda parte da obra, em que o autor se debruça sobre as várias facetas da personagem, valerá a pena clarificar sinteticamente, em disposição cronológica, os principais momentos da biografia¹³.

Nascido com o século (28-4-1900), como tantos da primeira geração comunista, numa aldeia do Pas-de-Calais (Noyelles-Godault), filho natural de uma operária e de um pequeno-burguês (o filho do dono da mercearia local), Maurice Thorez foi aos 3 anos perfilhado pelo mineiro com quem a mãe entretanto casara. Aos 12 conclui o *certificat d'études primaires* como primeiro classificado, mas as condições materiais da família não lhe permitiam prosseguir os estudos. Assim, começa a trabalhar nas minas de carvão, primeiro na selecção de pedras, depois no trabalho de escritório. A eclosão

¹³ Servimo-nos para este resumo, além de *Fils du peuple*, Paris, Éditions Sociales, 1970, essencialmente, da biografia de Philippe Robrieux e dos artigos de Claude Pannetier e Stéphane Courtois citados.

da guerra, seguida da ocupação alemã do Norte da França, obriga-o a fugir na companhia do avô materno, Clément Baudry. Durante quatro anos exerceu, sucessivamente, trabalhos de criado de quinta, operário numa serração e no transporte fluvial no Somme. Estes anos de adolescência são decisivos na sua formação. A par da prossecução dos estudos que o habilitavam a ingressar na escola de preparação para professor primário, foram anos de múltiplas leituras que o familiarizaram com o movimento socialista e sobretudo de convivência próxima com o avô, ele próprio militante socialista, devoto de Jules Guesde e anteriormente sindicalista activo. O fim da guerra permite o reencontro com a família e o regresso à terra natal e à mina, agora como mineiro de fundo, trabalho que exerce durante um ano. Por esta altura ingressa no Partido Socialista (SFIO) e logo a seguir no Comité de Adesão à III Internacional, em que se agruparam os partidários da revolução russa e da criação de um partido comunista francês. Cumpre durante dois anos o serviço militar como soldado raso (conforme os princípios antimilitaristas dos socialistas). Ao tentar regressar, em 1922, ao trabalho de mineiro, é impedido pela administração, por já ser então conhecida a sua militância socialista e sindical. De facto, embora durante cerca de um ano mais exerça trabalhos diversos, nomeadamente na construção civil, a actividade política e sindical será cada vez mais absorvente. O casamento, em 1923, com a atraente Aurore Memboeuf, sobrinha do secretário da federação comunista do Pas-de-Calais, reforça esta identificação, e pela mesma altura Thorez torna-se funcionário político. Nos debates que, praticamente desde o nascimento, marcam o PCF e conduzem ao afastamento de muitos dos apoiantes iniciais, incluindo logo em 1923 o primeiro secretário-geral, Louis-Oscar Frossard, Thorez alinha com a «esquerda» partidária da Internacional Comunista, da implementação efectiva das «21 condições» e da «frente única». Mas no ano seguinte manifesta reservas em relação à «bolchevização» e à transposição para o PCF do combate às posições de Trotsky. A carta de solidariedade que então dirige a Boris Souvarine, que pouco depois será expulso do partido, é por vezes apresentada, com algum simplismo, como prova do «passado trotskista» de Thorez¹⁴. O certo é que, com a intervenção do delegado da Internacional Comunista, Maurice Thorez (que, entretanto, sucedera ao tio como secretário da federação comunista do Pas-de-Calais e pouco depois ascende a secretário-adjunto da federação comunista do Norte, sendo também então eleito para o comité director do partido) converte-se à posição da maioria. Insistirá sempre, porém, numa posição realista quanto às modalidades de aplicação dos aspectos organizativos da «bolchevização», nomeadamente a impossibilidade de as-

¹⁴ Para a descrição dos acontecimentos, cf. Philippe Robrieux, *Maurice Thorez. Vie secrète et vie publique*, Paris, Fayard, 1975, pp. 66 e segs.

sentar a estrutura orgânica exclusivamente nas células de empresa. Depois de uma primeira viagem a Moscovo em 1925, entra para o Bureau Político e passa a integrar definitivamente o núcleo dos principais dirigentes. Ainda nesse ano, encontrando-se a França em plena campanha colonial contra a guerrilha de Abd-el-Krim, torna-se o responsável pelo *comité central dos comités de acção contra a guerra de Marrocos*, que o partido organiza. Colabora estreitamente com o também sindicalista Pierre Séward durante os dois anos em que este é o secretário-geral do PCF e procura conduzir o partido nas linhas da política de «frente única». Não lhe é fácil, porém, identificar-se com as novas orientações da Internacional Comunista a partir de 1927 — nomeadamente a política de *classe contra classe*, que, ao impedir acordos de desistência eleitoral, contrariava uma tradição enraizada da esquerda francesa. Por esta altura o ambiente internacional, em especial o ambiente de perseguição anticomunista em França, tende a agravar-se — «Le communisme, voilà l'ennemi!», proclamara o primeiro-ministro Sarraut num discurso em Argel. Como responsável da agitação antimilitarista, Thorez acha-se numa posição particularmente exposta. Passa à clandestinidade (durante este período usará o pseudónimo de «Clément»), vive permanentemente entre Bruxelas e Paris, com viagens frequentes à URSS, e é objecto de condenações à revelia e de tentativas de detenção a que consegue escapar. Finalmente, é capturado em Junho de 1929, quando a polícia o descobre escondido num armário durante uma reunião do Comité Central, num castelo na região do Sena. Cumpre onze meses de prisão. Quando sai, a Internacional e o PCF encontram-se no princípio de um processo de rectificação do radicalismo e de exageros sectários a que conduzira a política de *classe contra classe*, traduzidos na tentativa de politização de todos os conflitos e no desprezo pelas reivindicações económicas («la lutte pour le bifteck est historiquement dépassée»)¹⁵. Alvo da crítica da Internacional são agora — tal como aconteceu noutros PCs, nomeadamente o espanhol e o italiano — os mesmos grupos dirigentes, em regra oriundos da organização das juventudes comunistas, que imediatamente antes haviam sido a ponta de lança da luta contra o «oportunismo de direita». O secretariado do Comintern denuncia o «espírito de grupos» antes de responsabilizar e acusar formalmente o «grupo» em torno dos jovens Henri Barbé e Pierre Célor. O próprio Manuilsky, então dirigente número 1 da IC, vem a Paris clandestinamente e dirige a investigação sobre a actividade do «grupo», que culminará na expulsão dos principais acusados. Pela mesma altura, no Verão de 1931, a Internacional envia para França um conjunto de delegados encarregados de seguir os vários aspectos da actividade do PCF e ajudar o desenvolvimento do processo de

¹⁵ Cf. Henri Heldman, «Lutte politique et action syndicale: élaboration d'une stratégie (1931-1934)», in *Communisme*, 1, 1982, pp. 47-74.

homogeneização política que tem em vista. O principal é o eslovaco Eugen Fried, inicialmente com o pseudónimo «Albert» e que depois adopta o de «Clément». Maurice Thorez, que desde a saída da prisão era considerado internamente o primeiro-secretário da direcção que Barbé também integrava, sentir-se-á atingido pelas críticas da IC, chegando ao ponto de redigir uma carta de demissão. O apoio de Fried levá-lo-á a reconsiderar.

As modificações operadas a partir daqui serão de grande alcance para a vida do PCF e do próprio Thorez como dirigente político. A partir de 1932 consolida-se um núcleo, composto por Thorez, Jacques Duclos e Benoît Frachon (este último como responsável sindical), que irá assegurar a estabilidade de direcção durante mais de três décadas (Frachon só em 1967 deixará de ser o principal dirigente da CGT; quanto a Duclos, ainda em 1969 será o candidato presidencial do PCF, com um honroso resultado superior a 21%). Com a organização do sistema de formação (escolas de quadros) e, simultaneamente, a constituição, sob directa supervisão da IC, do «serviço de quadros» consolida-se um tipo de disciplina e de organização que praticamente elimina a possibilidade de surgimento de divergências organizadas. Por outro lado, do ponto de vista político, com o ascenso do fascismo na Alemanha e a generalização do problema do fascismo a nível europeu, o desenvolvimento de iniciativas antifascistas (que, no entanto, passariam ainda nos anos seguintes por grandes oscilações de estratégia) coloca-se como um domínio de actividade com implicações em todos os aspectos da vida do PCF. O Congresso Mundial de Amsterdão contra a Guerra e o Fascismo, depois o Congresso de Paris, na sala Pleyel, com o mesmo objectivo, seguido da unificação do «Movimento Amsterdão-Pleyel», são momentos relevantes no desenvolvimento do antifascismo europeu e da mobilização de intelectuais que marcará profundamente a época. 1932 é ainda um ano de grande importância na afirmação política de Thorez ao nível nacional, com a eleição como deputado por Ivry (posição que manterá até à morte, em 1964), uma das circunscrições fundamentais daquilo que se desenha já como a «cintura vermelha» de Paris. Parece que Thorez encarou com entusiasmo a entrada na vida parlamentar, ao ponto de, numa reunião em Moscovo, Duclos ter alertado para os riscos de um seu «desvio parlamentarista». Data também desta época o estabelecimento por Thorez de um regime de vida que lhe terá sido recomendado por Fried, o delegado da IC com quem as suas relações são cada vez mais próximas. Começando a trabalhar cedo, reservava, no entanto, sempre algumas horas por dia para a sua cultura pessoal¹⁶. É um período pessoal e politicamente difícil. Ao mesmo tempo que se consuma o desastre alemão e em França se desen-

¹⁶ Robrieux, *Maurice Thorez*, pp. 312, 386 e *passim*. Em relação aos anos do pós-guerra em que desempenhou funções governamentais, Robrieux escreve: «Il consacre entre deux et quatre ou cinq heures à sa culture» (p. 312).

volve a actividade das ligas de extrema-direita, a IC mantém ilusões sobre a revolução e o prioritário ataque à social-democracia. Um encontro de Thorez e Jacques Doriot com representantes do Partido Socialista (SFIO) em Janeiro de 1933 é alvo da crítica cominterniana e não tem continuidade. No plano pessoal, Thorez atravessa então a crise final do seu casamento.

Os acontecimentos de Fevereiro de 1934, com a tentativa de assalto ao parlamento dos manifestantes de extrema-direita, vêm introduzir uma situação nova. Como escreve Stéphane Courtois, «c'est au moment où il paraît le plus ballotté par les événements que Thorez va soudain révéler une stature nouvelle»¹⁷. A situação de Thorez era ainda complicada pela relação de rivalidade com outro importante membro da direcção comunista, o muito popular *maire* de Saint-Denis, Jacques Doriot, que encabeça manifestações unitárias de oposição às ligas fascistas num momento em que Thorez se retrai, por fidelidade à linha sectária da Internacional. A superação da crise vê novamente coincidir aspectos pessoais e políticos. Desde Fevereiro que Maurice Thorez coabita com Jeannette Vermeersch, uma jovem militante que conheceu quatro anos antes em Moscovo, com quem viverá até morrer. Em Maio é a convocação para Moscovo (ao mesmo tempo que Doriot, que, embalado já numa carreira pessoal e numa disposição de ruptura com o comunismo, se recusa a seguir). E em Moscovo será o contacto com as novas orientações políticas inspiradas por Dimitrov, às quais, numa entrevista no final desse mês, Estaline dá assentimento.

A partir daqui, os acontecimentos que conduzirão à Frente Popular, ao triunfo eleitoral do PCF e à afirmação de Thorez como figura nacional e ao mesmo tempo como personagem de primeiro plano do movimento comunista internacional suceder-se-ão rapidamente. Logo em Julho é a assinatura do pacto de unidade de acção do PCF com o SFIO. Em Outubro, e já num contexto de crescimento comunista, é a iniciativa por Thorez do alargamento da proposta da Frente Popular aos radicais, o partido da esquerda burguesa, superando a posição mais prudente dos órgãos dirigentes da IC, que lhe é transmitida por Togliatti¹⁸. Depois virão as sucessivas vitórias eleitorais, a conquista de 72 lugares no parlamento, a unificação sindical (que fará do PCF, durante mais de três décadas, a força dirigente do movimento operário francês), a irradiação no meio intelectual — em suma, a conquista e exercício do «ministério das massas», que Paul Vaillant-Couturier apontara como a «vocação governamental» dos comunistas.

¹⁷ «Thorez Maurice», cit.

¹⁸ Robrieux, *Maurice Thorez*, p. 194; Maurice Thorez, *Fils du Peuple*, p. 102; Jeannette Thorez-Vermeersch, *La vie en rouge. Mémoires*, Paris, Belfond, 1998, p. 60; Annie Kriegel/Stéphane Courtois, *Eugen Fried. Le grand secret du PCF*, Paris, Seuil, 1997, pp. 236-237.

Uma das questões centrais com que o PCF se vai defrontar é, entretanto, a da participação ou não no governo propriamente dito. Embora a inclinação de Thorez fosse, segundo vários testemunhos, no sentido da participação, a decisão final vai ser tomada no âmbito da IC e cairá em sentido oposto¹⁹. Pesou decisivamente nesse sentido não só um cálculo de prudência táctica, que, de resto, será avançada publicamente como o principal motivo da recusa — a preocupação de não dar pretextos de atribuir ao governo uma imagem de extremismo²⁰ — como sobretudo o facto de a experiência real da Frente Popular se afastar dos esquemas hipotizados pelo Comintern, e pela reflexão teórica comunista até então, como modalidades de «aproximação à revolução proletária».

Durante os dois anos dos governos da Frente Popular, e antes disso durante o ano de campanha do *Rassemblement Populaire* que os precedeu, Thorez é uma personalidade central da política francesa, frequentemente consultada por Léon Blum, o líder socialista que presidiu a dois dos gabinetes ministeriais neste período. É também o período em que mais se intensifica o relacionamento pessoal e político com Fried (que, acaso ou não, é de todos conhecido, na direcção do PCF, como «camarada Clément» — o mesmo nome do avô a que Thorez estivera tão ligado e que ele próprio um tempo adoptara como pseudónimo), o qual, entretanto, estabilizara uma relação conjugal com Aurore, a primeira mulher de Thorez. Como escreverá Georges Cogniot sobre o líder do PCF e o delegado da IC, «on savait invraisemblable le moindre désaccord entre eux; ils formaient une unité de pensée indécomposable»²¹. Embora Robrieux tenha querido encontrar na «imaginação criativa de Fried» a autoria das iniciativas mais inovadoras, incluindo a do próprio *slogan* «Frente Popular pelo pão, a paz e a liberdade»²², a verdade é que a mais documentada investigação actual, sem deixar de dar o maior relevo às capacidades do «camarada Clément», não confirma essa tese²³.

Numa época em que floresce na URSS e no comunismo internacional o culto de Estaline, cada uma das «secções» nacionais da IC tende em maior

¹⁹ Serge Wolikow, «Le PCF et la question de sa participation au gouvernement de Front Populaire», in *Cahiers d'histoire de l'Institut Maurice Thorez*, 34, 1980, pp. 55-111.

²⁰ Como diz Dimitrov, «notre participation sera un signal pour une attaque frontale contre le gouvernement du Front Populaire» (reunião do secretariado do comité executivo da IC de 2-5-1936, in Wolikow, *ibid.*, p. 108. Numa outra reunião do mesmo organismo, pouco depois, observará: «Ce sera un gouvernement de gauche [...] Mais ce n'est pas un gouvernement de Front Populaire au sens où nous l'entendions au congrès» (Kriegel/Courtois, *Le grand secret*, p. 260).

²¹ Cit. por Sirof, *Maurice Thorez*, p. 240.

²² Robrieux, *Maurice Thorez*, p. 194.

²³ Kriegel/Courtois, *Le grand secret*, cap. XVI («Clément, inventeur du Front Populaire?»), pp. 232-252.

ou menor grau a reproduzir o fenómeno à escala doméstica. Em parte, é um resultado deliberadamente desejado, e é neste contexto que surge a ideia (ao que parece, iniciativa de Fried) da publicação de uma autobiografia do agora líder incontestado dos comunistas franceses. Será *Fils du peuple*, que até 1970 conhecerá cinco edições (além das edições em línguas estrangeiras) e em poucas semanas vende 100 000 exemplares. Impõe-se então, segundo Robrieux, «na base e nos diferentes escalões do partido, a imagem de um Thorez dinâmico, simpático, cheio de segurança e com resposta para tudo»²⁴.

Mas a «estação» da Frente Popular é de curta duração²⁵. Quando sai *Fils du peuple*, em Outubro de 1937, já haviam passado alguns meses sobre a queda do primeiro governo Léon Blum, que marca a passagem a uma fase defensiva. Em Espanha prossegue um combate incerto, mas o ano de 1938 verá agravarem-se todos os dados da situação internacional, ao mesmo tempo que em França levantam cabeça os que acham que «il vaut mieux Hitler que Blum». O PCF desempenha neste contexto um papel internacional muito importante. Thorez ocupa-se directamente de vários aspectos do apoio a Espanha. O PCF tem um papel destacado na denúncia da política que conduziu aos acordos de Munique e, mesmo depois disso, continua a confiar na conclusão de um acordo anglo-franco-soviético de resistência a Hitler. Assim, o pacto germano-soviético de 22 de Agosto de 1939 (de que Thorez não fora prevenido) tem um verdadeiro efeito de choque, tanto mais que à desorientação e abandono de muitos militantes se juntam as perseguições governamentais e a verdadeira *revanche* social que marcou o fim da Frente Popular. Perturbação maior ainda na medida em que a interpretação inicial do significado do pacto pelos partidos comunistas, num sentido que não impedia a sua participação nas medidas de defesa nacional anti-hitlerianas, é rapidamente ultrapassada pelo Comintern. Deste modo, Thorez, que em princípio de Setembro correspondera à mobilização geral, apresentando-se ao serviço, em Outubro deserta, por decisão da Internacional. Após algumas semanas na Bélgica, onde a partir de então a IC centraliza o seu aparelho para a Europa ocidental (com Fried como responsável), será a partida para Moscovo.

Embora gozando do relativo conforto proporcionado aos dirigentes dos partidos comunistas, os anos da guerra não deixarão de ter as suas amarguras para Thorez, que vive com pseudónimo e disfarce e nos finais de 1941, em virtude do avanço alemão, é evacuado com a família para Ufa, nos Urais, onde então fica sediado o aparelho do Comintern. Não só sofre a rivalidade com André Marty, então membro do secretariado da IC, com o qual as suas relações nunca foram muito cordiais, como sobretudo se defronta constantemente com as sucessivas recusas de De Gaulle em permitir a sua transferên-

²⁴ Robrieux, *Maurice Thorez*, p. 200.

²⁵ A expressão é de Aldo Agosti: *La Stagione dei Fronti Popolari*, Bolonha, Cappelli, 1989.

cia para Londres, inicialmente, ou para o Norte de África, libertado no Verão de 1943, ou mesmo, nos meses imediatos à libertação da França, para Paris. Só em Novembro de 1944 o general se dispõe a agraciá-lo da condenação a seis anos de prisão a que fora condenado à revelia por deserção, e no mesmo mês Maurice Thorez regressa a França.

Resume adequadamente a opinião de várias testemunhas a afirmação de Claude Pannetier, para quem «c'est un homme changé par cinq ans d'exil et la fréquentation des dirigeants soviétiques, plus solitaire (personne ne pourra remplacer Fried ami et conseiller, mort en 1943), plus prudent, peut-être moins imaginaire qui revint en France»²⁶. Há quem fale num «drama de Thorez» e, nas suas memórias, o historiador Jean Bruhat, que antes da guerra acompanhara de perto com Thorez e os principais dirigentes, admite até que «la guerre, à sa façon, avait été fatale à Thorez comme à tant d'autres»²⁷. Também Robrieux atribui à experiência dos anos da guerra o efeito de um envelhecimento físico e psíquico. E este homem modificado, que se despedira definitivamente do optimismo juvenil, ia encontrar-se com um partido também mudado, mudado pela Resistência e o entusiasmo e as ilusões da libertação²⁸. De facto, à chegada a França, Thorez tem uma dupla tarefa: estabelecer praticamente a sua posição de secretário-geral a partir da situação de inferioridade determinada pelo facto de ter passado a guerra na URSS, enquanto homens como Jacques Duclos, Charles Tillon ou Benoît Frachon dispunham de todo o prestígio associado à direcção da Resistência no interior, e concretizar uma política que decorre da realidade mundial da divisão das esferas de influência aceite em Itália e põe em causa a esperança revolucionária dos que agora aderem em massa ao «parti des fusillés». Irá resolvê-la com sucesso em ambos os aspectos. De facto, Duclos, que combinava a qualidade de resistente com as vantagens da estreita relação com os Soviéticos, em nenhum momento irá tentar pôr em causa a liderança de Thorez. E verifica-se que, a nível de massas, a popularidade e capacidade de domínio das assembleias do último se encontram intactas. Do ponto de vista político, a primeira tarefa vai ser a supressão das milícias patrióticas, e com elas de qualquer perspectiva de estabelecimento de um «duplo poder». Sob a palavra de ordem «un seul État, une seule police, une seule armée», o PCF e o seu secretário-geral vão canalizar as energias militantes no sentido do crescimento eleitoral e sindical, da renovação do aparelho de Estado, da unidade operária e da «batalha da produção». A ideia da unidade operária chegou a incluir a repetida formulação verbal do «estranho projecto» (segundo Jean Bruhat),

²⁶ Pannetier, «Thorez Maurice», in *Dictionnaire biographique*, cit., t. 42, p. 203.

²⁷ Jean Bruhat, *Il n'est jamais trop tard. Souvenirs*, Paris, Albin Michel, p. 146.

²⁸ Philippe Robrieux, *Maurice Thorez*, pp. 260-273.

aliás já admitido na época da Frente Popular, da reunificação socialista-comunista no seio de um grande *Parti Ouvrier Français* (expressão onde em todo o caso ecoa a formação guesdista de Thorez)²⁹. À cabeça do partido maior e mais votado (meio milhão de inscritos em Maio de 1945, aproximar-se-á do milhão nos dois anos imediatos; 26% dos votos nas Constituintes de Outubro de 1945, quase 29% nas legislativas de Novembro de 1946), Maurice Thorez integra, na companhia de mais três comunistas, o primeiro governo De Gaulle, na qualidade de ministro de Estado, e será a seguir vice-presidente do Conselho no gabinete Félix Gouin. Na campanha pelo aumento da produção fará valer com êxito toda a sua capacidade de contacto e persuasão junto dos mineiros. Conquista, por outro lado, a consideração de De Gaulle e sobretudo ganha, pela capacidade de mediação no seio do governo e pela eficácia do trabalho realizado, a aura de «verdadeiro homem de Estado». Nestas condições, é com naturalidade que, perante a abertura da crise do governo Félix Gouin em fins de 1946, apresenta a sua candidatura a chefe do governo. Receberá 261 dos 579 votos parlamentares, regressando, por pouco mais de dois meses, às funções de vice-presidente do governo, de que é afastado definitivamente, assim como os restantes ministros comunistas, em Maio de 1947. Iniciava-se a guerra fria, e com ela «uma fase de isolamento para um partido no cume da sua potência»³⁰. E para o secretário-geral uma fase nova, e novamente complexa, da existência.

Embora a demissão dos comunistas dos governos (que pela mesma altura também ocorre em Itália e na Bélgica) não tenha sido imediatamente percebida em todo o seu alcance e o PCF continue a declarar-se vinculado a uma «política de responsabilidade», nos meses seguintes a lógica da guerra fria vai desenvolver-se em todas as suas consequências, e tanto mais quanto coincide com uma agudização do conflito social. Já a expulsão do governo tivera como justificação o apoio comunista à greve da Renault. No final do ano desenvolvem-se por toda a França greves e manifestações e os militantes, anteriormente empenhados na «batalha da produção», acham-se agora na primeira linha da resistência contra a recuperação capitalista. Além do mais, o PCF está empenhado em emendar-se da passividade de que, tal como o PCI, fora acusado por jugoslavos e soviéticos, em Setembro, na conferência de fundação do Cominform. O culto da personalidade de Estaline, que na URSS alcança nesta época dimensões delirantes, projecta-se em França também num culto cuja expressão epigramática é a designação corrente do PCF como «o partido de Maurice Thorez». Em confronto com a imagem essencialmente popular do Thorez de antes da guerra, ele vem agora associado a

²⁹ Jean Bruhat, *Il n'est jamais trop tard*, p. 147, que acrescenta não ter tido a impressão de que a ideia fosse tomada a sério.

³⁰ Pennetier, «Thorez Maurice», p. 203.

uma espécie de veneração pelo «homem de Estado» e à magnificação das suas capacidades intelectuais e «espírito enciclopédico». Como todas as testemunhas e o principal biógrafo, Philippe Robrieux, apontam, a exaltação do enciclopedismo do líder comunista francês tinha alguma base na realidade: realidade assente num esforço autodidático que vinha de longe, tivera oportunidade de se alargar durante a estada na URSS e era agora também ampliada pelas excepcionais capacidades de informação que um aparelho como o dos partidos comunistas permite ao secretário-geral, e que Thorez complementava ainda pelo contacto assíduo com os quadros do partido intelectualmente mais sofisticados (como o *normalien* Georges Cogniot, que durante alguns anos será seu secretário pessoal). Embora isso não o iniba de caucionar aberrações da época, como o lyssenkismo ou a teoria das «duas ciências», já, por exemplo, influenciou, em matéria artística, uma abertura em relação à arte abstracta, que nesses anos era na URSS banida.

Em 1950, aos 50 anos (cuja celebração coincide, a poucos meses de distância, com a dos 70 anos de Estaline), Maurice Thorez acha-se, portanto, no máximo do seu prestígio e influência, sem contestação à cabeça do maior dos partidos da IV República, que, apesar do recuo em votos e sobretudo em militantes, continua a representar cerca de um quarto do eleitorado. Sobre-vém-lhe então subitamente um grave acidente vascular-cerebral, provocando hemiplegia direita, e determinando a ida para tratamento na União Soviética, numa estada que se prolongará por quase três anos.

Apesar da grave inibição da escrita e da fala, que só lentamente, e através de um esforço meticuloso e persistente, acabará por superar, Thorez não deixará de acompanhar os assuntos partidários. Com efeito, vários dos dirigentes em funções, incluindo Jacques Duclos, que interinamente assegura as responsabilidades de secretário-geral, visitam-no regularmente. Entre esses dirigentes, por força das coisas, não poderia deixar de ganhar um lugar especial nas circunstâncias dadas a sua mulher, Jeannette Vermeersch, em 1950 eleita para o Bureau Político. Militante dedicada e destacada desde a juventude, Jeanette era também uma mulher de armas, de temperamento impulsivo contrastante com o do marido, sem formação intelectual comparável e, sobretudo, inteiramente identificada com a figura e as acções de Estaline, a cuja memória ainda no seu livro de recordações publicado em 1998 continua a declarar-se fiel³¹. Esta situação — justa ou injustamente empolada nas descrições de alguns quadros que observam criticamente este ganho de influência e não apreciam as características da protagonista — prolongou-se mesmo após o regresso de Maurice Thorez em 1953, já que este fica então obrigado

³¹ Thorez-Vermeersch, *La vie en rouge*, cit.

pelos médicos a um regime de vida que o afasta de Paris e impede o seguimento quotidiano dos assuntos com a intensidade anterior. Mas a estada em Moscovo em 1950-1953 coincide com a última fase dos processos estalinistas, que na Europa de Leste levaram ao cadafalso uma série de dirigentes com papéis de grande importância nos anos do pós-guerra e alguns deles também anteriormente nas resistências e na guerra de Espanha. Mais ou menos, quase todos os PCs conhecem nestes anos um ambiente de pânico da espionagem que desembocou em ajustes de contas. No PCF, as vítimas (só morais) vão ser André Marty e Charles Tillon, ambos heróis dos motins do mar Negro de 1920, o primeiro, comissário das Brigadas Internacionais em Espanha e membro do secretariado do Comintern, o segundo, principal dirigente militar da Resistência. Maurice Thorez aprova o inquérito então conduzido e de que resultou a expulsão de ambos. Noutros aspectos, porém, a sua postura de abertura intelectual continuará a fazer-se sentir, assim, por exemplo, intervindo a favor de Picasso e Aragon aquando do escândalo, por ocasião da morte de Estaline, suscitado pela publicação nas *Lettres françaises* de um retrato da autoria de Picasso pouco emblemático da majestade do retratado.

Se, no regresso, a autoridade de Thorez continua inatacada — e o prestígio intelectual até cresce, pelo contacto que mantém com intelectuais e artistas e pela regularidade com que continua a dedicar muito do tempo que está inibido de entregar ao trabalho de direcção a *hobbies* que vão do latim à geologia —, do ponto de vista político a generalidade dos observadores concorda em ver estes anos como os de menor criatividade de Thorez. No contexto da guerra fria, chamará negativamente as atenções por uma incursão na teoria económica marxista, procurando demonstrar a *pauperização absoluta* do trabalhador francês — tese que hoje, em visão retrospectiva dos anos 50, pode parecer surrealista, mas não deixava de ir ao encontro do sentimento de uma grande parte das camadas populares³². A um nível mais mundano, também serão controversas as condições de vida que o partido lhe proporciona, relacionadas com a situação de saúde e a necessidade de garantir o repouso, em clima mediterrânico e em segurança — nomeadamente a mansão de Le Cannet, perto de Cannes, onde passa o Inverno e é vizinho do milionário Aga Khan.

³² Como escreve Marc Lazar agudamente: «Vues de l'extérieur du PCF ou d'aujourd'hui, ces affirmations semblent aberrantes: mais, à l'époque, le PCF trouve confirmation de leur bien-fondé dans le fait que ces transformations s'accompagnent du maintien des inégalités, d'un accroissement du sentiment d'exclusion, d'une intensification du rythme de travail et qu'elles suscitent l'inquiétude, l'angoisse, la peur; enfin, ainsi qu'en attestent les sondages, une majorité de français ne se reconnaît pas dans le discours sur la modernité, ne perçoit pas l'amélioration du niveau de vie et, au contraire, estime que celui-ci diminue» («Damné de la terre et homme de marbre. L'ouvrier dans l'imaginaire du PCF du milieu des années trente à la fin des années cinquante», in *Annales ESC*, 5, Setembro-Outubro de 1990, p. 1089).

Os principais problemas postos pela avaliação política do último Thorez são, por um lado, os relacionados com a reacção ao XX Congresso do PCUS e a desestalinização, por outro, os relacionados com a avaliação do gaullismo. A reserva de Thorez em relação à iniciativa de Kruchtchev nada teve de singular — por exemplo, o italiano Togliatti, que ficaria para a história com uma imagem muito mais liberal, teve idêntica reserva inicial. Mas, ao passo que o último rapidamente procuraria encarar os dados novos, colocando frontalmente o problema em termos de interpretação histórica e daí evoluindo para um repensamento do movimento comunista internacional, Thorez manterá uma posição de substancial retracção em relação à crítica do estalinismo e do culto da personalidade, que receia suscitem no PCF dinâmicas incontrolláveis. E personalidades dirigentes tão diferentes como Auguste Lecoeur, ainda em 1953, ou Laurent Casanova e Marcel Servin, já no princípio dos anos 60, que tentam assumir o impulso desestalinizador em sintonia com Kruchtchev, ver-se-ão sancionadas ou marginalizadas. Nem por isso Thorez deixa de fazer, «de son propre gré et à son propre rythme» (Claude Penner), a «sua» desestalinização, sobretudo quando o agravamento do conflito sino-soviético o põe em oposição a Mao Ze Dong. E é um homem como Waldeck-Rochet, com longa militância partidária, mas conhecido como reformador e identificado com as posições de Kruchtchev, que, com a influência decisiva do líder histórico, no congresso de 1964 assume as funções de secretário-geral, passando Thorez a deter o título de presidente.

No plano da política interna francesa, passada a fase sectária do princípio dos anos 50, a preocupação da unidade de acção com os socialistas volta a ocupar um lugar central nas suas preocupações. Nisso reatava não só com a experiência dos anos da Frente Popular, mas com uma atitude unitária mais geral, que constituía uma das traves do seu pensamento e se exprimiu num reconhecimento explícito do valor da tradição guesdista. Perante o gaullismo, no entanto, Thorez vai mostrar persistente dificuldade de compreensão, traduzida inicialmente numa assimilação daquele a uma tendência fascizante e, por outro lado, numa subestimação dos efeitos corrosivos que a modernização capitalista da V República teria na influência eleitoral comunista. Também em relação ao problema argelino, a posição do PCF não esteve isenta de hesitações quanto ao reconhecimento da FLN, com incidências no interior do partido.

O aspecto do trabalho de Thorez que a mais longo prazo terá marcado o PCF foi certamente a preocupação da unidade socialista-comunista. Ele próprio, porém, já não acompanharia o processo que, no contexto do movimento social do fim dos anos 60, conduziria ao Programa Comum de 1972. A 11 de Julho de 1964, num barco soviético a caminho de Ialta, onde anualmente passava férias, é acometido de hemorragia cerebral, a que sucumbe instantaneamente.

MINEIRO, SINDICALISTA, DEPUTADO, MINISTRO
— E, POR SINAL, DIRIGENTE COMUNISTA

Partindo da necessidade de superar simultaneamente as figurações míticas do *Fils du peuple* e o abismo de desconhecimento em que caiu — «Maurice Thorez cet inconnu» foi o título do documentário passado na televisão francesa há dois anos —, Stéphane Sirot entende que uma reconstrução histórica mais efectiva (que nem por isso despreza a eficácia prática própria do mito, a começar no processo de autoconstrução da personalidade) deve abandonar o terreno de uma coerência linear para abordar as práticas heterogéneas em que a actividade do homem se concretizou. E é assim que, sucessivamente, aborda a inserção do retratado no universo da mina e do respectivo movimento sindical, a formação da sua «teoria da greve», a actividade de deputado e ministro, deixando para o fim (apesar da cronologia) a caracterização do secretário-geral comunista.

Na história do movimento operário, os mineiros foram desde sempre e em toda a Europa singularizados pela dureza das condições de trabalho, a concentração geográfica e comunidade de trabalho e de vida, que fizeram deles não só um dos sectores operários mais sindicalizados e mais combativos, mas também dos mais presentes para a opinião pública — o que as recorrentes catástrofes mineiras acentuavam. Em França, especialmente o *Germinal* de Zola contribuiu para difundir a imagem do inferno da mina e ao mesmo tempo da ameaça social que representava para a sociedade burguesa³³. Seguindo a investigação de Marcel Gillet, Sirot esclarece definitivamente a realidade da filiação mineira e da condição de mineiro de Thorez, que Robrieux tentara ainda contestar. Além disso, e sobretudo, mostra como a experiência da vida e do trabalho mineiros foram determinantes não só na formação de Thorez, mas na maneira como assume e constrói a sua identidade política. Desde logo, porque, embora a experiência profissional fosse relativamente breve, ela é prolongada pelo empenhamento na actividade sindical até 1926. E, como dirigente sindical, Thorez evidencia um certo número de constantes na abordagem dos problemas que, por um lado, se prendem com a tradição sindicalista, por outro, remetem para um fundamental realismo que marcará também a sua atitude enquanto político. Além disso, o mundo da mina permanece um dos domínios principais de intervenção enquanto deputado. E quando, no pós-guerra, o PCF apoia a «batalha da produção», ao mesmo tempo que liquida as ilusões revolucionárias dos pri-

³³ Cf. E. J. Hobsbawm, *The Age of Empire 1875-1914*, Londres, 1987, p. 122; Marc Lazar, «Le mineur de fond: un exemple de l'identité du PCF», in *Revue française de science politique*, 2 (35), Abril de 1985, pp. 190-205, e «Damné de la terre et homme de marbre», cit., pp. 1071-1096.

meios tempos da libertação, o passado mineiro do ministro de Estado ajudou bastante a convencer assembleias de trabalhadores reticentes perante o discurso produtivista.

Estreitamente relacionada com o passado profissional e sindical de Thorez está, por outro lado, a questão da política da greve, essencial em qualquer partido comunista. Quanto a esta, a fama de Thorez tem estado muito marcada pela frase de um dos seus discursos durante as greves e ocupações das primeiras semanas após a vitória da Frente Popular em 1936: «Il faut savoir terminer une grève.» Frase muitas vezes repetida como exemplo de oposição das burocracias comunistas à espontaneidade do movimento operário, sem ao menos o cuidado de lhe citar a conclusão: [...] dès que satisfaction a été obtenue.» Sem dúvida, como o autor nota, a política comunista inova, tanto em relação à tradição reformista como à anarco-sindicalista, enquanto coloca a questão da relação entre as greves e a transformação social global (a revolução), a qual envolve uma diversidade de meios. Mas aquilo que é mais característico do pensamento de Thorez é a ideia de que o conflito social «pertence em primeiro lugar ao campo social». De resto, antes da Frente Popular e em pleno período de «classe contra classe», por mais de uma vez exprimiu a ideia de que «é preciso saber terminar uma greve». Afirmo, por exemplo, em 1932, que «il faut apprendre à conclure parfois une sorte d'armistice, à ne pas insister sur toutes les revendications pour obtenir la rentrée avec un mouvement conscient de sa force et prêt à d'autres luttes». O autor detecta nesta atitude uma constante de realismo, espírito de compromisso e desconfiança do voluntarismo que, segundo ele, «retoma no essencial a tradição do movimento operário francês»³⁴.

Um dos capítulos mais interessantes e que visivelmente mais mobilizam o interesse do autor é o dedicado a «Thorez parlamentar e ministro», tanto mais que se trata de um aspecto tratado superficialmente na biografia de Robrieux e também da única dimensão «relativamente à qual o seu reconhecimento ultrapassa largamente as fronteiras dos seus simpatizantes políticos»³⁵. Socialistas como os já mencionados Jules Moch e Vincent Auriol invariavelmente apontam o seu «sentido de Estado», «sentido do compromisso», ou caracterizam-no como «elemento moderador». Quanto à actividade parlamentar, Sirot constata a intensidade do empenhamento de Thorez, sobretudo no período 1932-1936, distinguindo entre o carácter das intervenções no período anterior à segunda guerra mundial e depois dela. Antes da guerra, as intervenções são sempre sobre questões de carácter político nacional e internacional (Alsácia-Lorena, problemas coloniais, antifascismo, relações internacionais). Quer dizer, como deputado, não se preocupa em ser o repre-

³⁴ Sirot, *Maurice Thorez*, p. 201.

³⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 213.

sentante da sua circunscrição. Depois, a atitude muda, em correspondência com deixar de encarar o parlamento como «simples tribuna política» para o ver como um instrumento de reformas. Mais interessante é, ainda neste capítulo, a análise da actividade e da composição dos gabinetes ministeriais de Thorez. Constatando que, tal como na generalidade dos gabinetes ministeriais do imediato pós-guerra, o critério da participação na Resistência era determinante na selecção pessoal, e que naturalmente também a qualidade de membro do PCF tinha o seu peso, Sirot sublinha principalmente o largo espaço ocupado nessa selecção pelo critério da competência técnica e conhecimento dos *dossiers*. Mais em detalhe é analisado o processo de elaboração da principal lei resultante da acção como ministro de Estado, que, aliás, vigoraria durante mais de três décadas — o estatuto geral da função pública, uma ideia que remontava aos tempos da monarquia de Luís Filipe de Orleães (1830-48). O projecto resultou de uma colaboração intensa entre o gabinete do ministro Thorez e os sindicalistas da função pública, mas sofreu depois muitas emendas. De todo o processo, e da capacidade de negociação revelada, o autor conclui que, também neste domínio, «a fidelidade do dirigente comunista ao sistema a que pertence, à URSS e ao seu regime, não exclui um modo de pensamento que se apoia sobre uma parte da tradição de um movimento socialista francês politicamente integrado, no qual a via legal e parlamentar do exercício e da tomada do poder se impôs rapidamente como o ponto de vista dominante»³⁶. Neste quadro, entende — o que é interessante tendo em conta o peso que continua a ter a ideia de que o objectivo dos partidos comunistas em todos os tempos e lugares é a infiltração e domínio do aparelho de Estado — que a participação nos assuntos do Estado representou «uma forma de empenhamento real que nem por isso afasta o objectivo de uma marcha para o comunismo da sociedade francesa».

De modo à primeira vista surpreendente, mas nada fortuito, é só no penúltimo capítulo que o autor aborda «o dirigente comunista», colocando a questão de explicar a sua excepcional longevidade à cabeça do PCF. Recusando, e bem, as explicações do tipo «fidelidade ao sistema», desenvolve a sua explicação em torno de três tópicos: um momento originário de profissionalização/legitimação, em que é essencial o relacionamento com Fried-«Clément»; um momento de consolidação, em que é fundamental a construção carismática, ela própria possibilitada pelas características e a ética pessoal do militante; finalmente, um desenvolvimento e rotinização canalizados pelo centralismo democrático. A insistência na importância da relação com Fried — isto é, com o Comintern — é certamente justa e deveria ser intuitiva em relação a um partido que (mais até do que outros) até à época da Frente Popular exibiu a denominação «Secção Francesa da Internacional Comunista». O aspecto da

«profissionalização» — a meu ver, decisivo — não é, porém, suficientemente concretizado, como poderia sê-lo facilmente com base na biografia de Eugen Fried por Kriegel/Courtois. Aí fica, por exemplo, claro o que foi a luta da IC e de Fried para introduzir no PCF e no movimento operário francês hábitos de estudo, planeamento, formação, verificação, rotinização e trabalho colectivo — em suma, modernização —, quer nos aspectos mais internos da organização partidária, quer no «trabalho de massas», que iam ao arrepio das tradições anarquistas e social-democratas. Entre os vários aspectos desta burocratização-modernização não foi secundária, como Kriegel/Courtois mostram e Sirot também refere, a atracção de intelectuais (como Georges Cogniot ou Georges Politzer, entre muitos outros), com um papel activo no melhoramento das capacidades de direcção. Uma vez estabelecida, a direcção de Thorez vai caracterizar-se por desembaraçar o partido do radicalismo sectário e realizar a abertura a toda a esquerda, sem pôr em causa a sociologia e a ética operárias que o definiam.

O último capítulo da obra é dedicado à interrogação sobre se o biografado «abriu um caminho francês para o socialismo». Objecto da análise é a famosa entrevista de Novembro de 1946 ao *Times*, oito dias após as eleições legislativas que tinham feito do PCF, com 28,6% dos votos, o maior partido do país. No momento em que apresentava a sua candidatura a primeiro-ministro, Maurice Thorez declarava a possibilidade de um caminho para o socialismo diferente do do comunismo soviético e caracterizado por um desenvolvimento da democracia, num quadro pacífico, comportando a fusão entre os partidos socialista e comunista e dispensando a ditadura do proletariado. Ao mesmo tempo, atribuía a paternidade da ideia comunista, não à Rússia, mas à experiência do movimento operário francês, «desde há mais de um século». Sirot nota, e bem, que este conjunto de ideias nada tinha de especialmente original num contexto em que vários dirigentes comunistas da Europa de Leste teorizavam a «democracia nova e popular» e a URSS se preocupava com a preservação da aliança da segunda guerra mundial. Com o princípio da guerra fria e a fundação do Cominform, elas vão cair num certo esquecimento, até que a revalorização kruchtcheviana da coexistência pacífica cria o ambiente favorável a que Thorez e o PCF as retomem. Tornam-se a partir de então um elemento num processo de evolução mais duradouro que acabará por conduzir, nomeadamente, em 1976, ao abandono da «ditadura do proletariado».

Em conclusão, o autor considera que a concentração do interesse por Thorez na figura do chefe de partido reflectiria uma forma de dependência em relação ao mito originário e à autobiografia que o produziu. Sendo «incontestável que a direcção do PCF ocupa uma larga parte do itinerário de Thorez e quase toda a sua actividade pública», mesmo o exercício dessa actividade teria de ser compreendido à luz de «um conjunto de fenómenos identitários conjugados», antes passados em revista, e de que o comunismo era apenas uma das componentes.

Esta perspectivização tem vários méritos, desde logo, porque conforme ao mote marxista segundo o qual os homens devem ser julgados por aquilo que efectivamente realizam e não pelo que dizem de si próprios. A questão está em saber se, além das experiências familiar, mineira, sindical, parlamentar, governamental, que integraram o «conjunto identitário» do indivíduo Maurice Thorez, a experiência e a identidade especificamente comunistas não tiveram uma eficácia própria enquanto tais e na conformação dessas identidades. Deste ponto de vista, o livro é pobre, porque justamente reduz a construção do «dirigente político» a uma técnica de criação de um poder (a produção do líder carismático) e da sua conservação (centralismo democrático + purgas), mediadas pela auto-representação ideológica do protagonista. Consideração propriamente política é dada apenas à entrevista ao *Times* em 1946, fácil de fazer convergir com aquilo que o autor designa de «tradição reformista do movimento operário francês». As razões que conduzem da influência guesdista do avô Clément à adesão, logo em 1919, ao comité para a formação da III Internacional, assim como todo o processo de elaboração da política da Frente Popular e as iniciativas ulteriores (algumas delas contrariadas pela IC), são praticamente ignoradas. Arredada a possibilidade de considerar a estratégia comunista a não ser na sua máxima abstracção de ideal utópico, por um lado, e pragmatismo (defesa da URSS), pelo outro, a política sindical, parlamentar ou governamental não podia explicar-se senão como reatar da tradição reformista do movimento operário.

Ora Thorez foi, sem dúvida, neto de Clément Baudry, o sindicalista partidário de Jules Guesde, mas foi também, do princípio ao fim da sua vida política adulta, um filiado da III Internacional e, depois, do movimento comunista. A criação, em que teve papel decisivo, do PCF como principal formação eleitoral e força dirigente de um movimento sindical cuja organização e implantação no mundo laboral não têm paralelo com o que eram até aos anos 30 não é dissociável desta filiação — neste sentido, de facto, também não é dissociável do *outro* «Clément», Eugen Fried.

Em balanço, a publicação é útil. Em certo sentido, pode ver-se como «reflexo» das condições actuais da política francesa, na qual o PCF existe como partido de governo, em posição definidamente subalterna e aparentemente só pensável em termos da sua «integração no sistema». De qualquer modo, estimula uma consideração da realidade do comunismo que contrasta positivamente com a voga das absolutizações ideológicas, das visões instrumentais e da história-*complot* que nos últimos anos (culminando no *Livro Negro do Comunismo*) dominaram o panorama editorial. E é, por outro lado, um livrinho muito francês na sua recusa do empirismo e na postura de desconstrução crítica como condição de acesso ao conhecimento histórico, o que é saudavelmente filosófico e se distingue da mania anglo-saxónica de confundir evidência com prova.